

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA

Aline Martins - 600763700
Laryssa Cristiane - 600896316
Mariana de Fátima - 60092005
Sasquia Soares - 600904282
Vladimir de Oliveira – 600915556

A ANSIEDADE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA: UMA REVISÃO TEÓRICA

Assunto: O estudo aborda a ansiedade na clínica psicanalítica, enfocando sua compreensão teórica como expressão dos conflitos inconscientes e da dinâmica do aparelho psíquico, bem como suas implicações para o manejo clínico e para a compreensão do sofrimento psíquico contemporâneo.

Belo Horizonte
2026

A ANSIEDADE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA: UMA REVISÃO TEÓRICA

Assunto: O estudo aborda a ansiedade na clínica psicanalítica, enfocando sua compreensão teórica como expressão dos conflitos inconscientes e da dinâmica do aparelho psíquico, bem como suas implicações para o manejo clínico e para a compreensão do sofrimento psíquico contemporâneo.

Artigo acadêmico apresentado como requisito
parcial para a obtenção do título de Bacharel em
Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira.

Orientador(a):
Prof. Carla Oliveira Cruz Ribeiro

Belo Horizonte
2026

A ANSIEDADE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA: UMA REVISÃO TEÓRICA

Aline Martins; Laryssa Cristiane; Mariana de Fátima; Sasquia Soares; Vladimir de Oliveira

Professora Orientadora: Carla Oliveira Cruz Ribeiro

RESUMO

A ansiedade constitui um fenômeno amplamente presente na contemporaneidade, sendo objeto de investigação em diferentes abordagens teóricas no campo da psicologia. No âmbito da psicanálise, a ansiedade é compreendida não apenas como sintoma, mas como expressão dos conflitos inconscientes e da dinâmica do aparelho psíquico. O presente estudo tem como objetivo compreender a ansiedade na clínica psicanalítica a partir de uma revisão teórica dos principais fundamentos conceituais e das contribuições clínicas da psicanálise. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, realizada por meio de revisão bibliográfica. O período de busca das publicações compreendeu os anos de 1996 a 2025, recorte temporal definido para contemplar tanto obras clássicas quanto discussões contemporâneas sobre o tema. Foram analisadas 22 obras, selecionadas por sua relevância teórica, aderência ao objeto de estudo e reconhecimento acadêmico no campo da psicanálise. Os critérios de exclusão adotados foram: materiais sem fundamentação científica consistente, textos duplicados, estudos que abordavam a ansiedade exclusivamente sob perspectivas não psicanalíticas e trabalhos que não apresentavam articulação entre teoria e prática clínica. Além disso, diferencia-se que a pesquisa configura-se como revisão narrativa, que tem como foco a análise e síntese crítica de referenciais teóricos, diferentemente da revisão integrativa, que visa responder a uma pergunta específica a partir da sistematização e avaliação de resultados de pesquisas empíricas. A estratégia analítica utilizada baseou-se em etapas sequenciais: leituras exploratória, seletiva e analítica, seguida de análise interpretativa hermenêutica, categorização temática e síntese teórica, garantindo rigor e coerência na construção do conhecimento. Os resultados indicam que a ansiedade desempenha papel estruturante na constituição subjetiva e no funcionamento psíquico, sendo fundamental para a compreensão do sofrimento humano. Conclui-se que a abordagem psicanalítica possibilita uma

compreensão ampliada da ansiedade, favorecendo um manejo clínico baseado na escuta e na singularidade do sujeito.

Alunos do curso de graduação em bacharel em Psicologia do Centro Universo de Belo Horizonte.

Palavras-chave: Ansiedade; Psicanálise; Clínica Psicanalítica; Conflito Psíquico; Sofrimento Psíquico.

ABSTRACT

Anxiety is a widely present phenomenon in contemporary society and has been studied through different theoretical approaches in psychology. In psychoanalysis, anxiety is understood not only as a symptom, but as an expression of unconscious conflicts and the dynamics of the psychic apparatus. This study aims to understand anxiety in the psychoanalytic clinic based on a theoretical review of its main conceptual foundations and clinical contributions. It is a qualitative, exploratory, and descriptive research conducted through a bibliographic review. The search period for publications covered the years from 1996 to 2025, a temporal cut defined to include both classic works and contemporary discussions on the theme. Twenty-two works were analyzed, selected for their theoretical relevance, alignment with the study object and academic recognition in the psychoanalytic field. The exclusion criteria adopted were: materials without consistent scientific foundation, duplicate texts, studies addressing anxiety exclusively from non-psychoanalytic perspectives and works that did not establish a link between theory and clinical practice. Furthermore, it is important to distinguish that this research is characterized as a narrative review, which focuses on the critical analysis and synthesis of theoretical references, unlike an integrative review, which aims to answer a specific research question through the systematization and evaluation of empirical study results. The analytical strategy followed sequential steps: exploratory, selective and analytical reading, followed by hermeneutic interpretative analysis, thematic categorization and theoretical synthesis, ensuring rigor and consistency in knowledge construction. The results indicate that anxiety plays a structuring role in subjectivity and in psychic functioning. It is concluded that the psychoanalytic approach provides a broader understanding of anxiety, supporting a clinical practice grounded in listening and in the subject's singularity.

Keywords: Anxiety; Psychoanalysis; Psychoanalytic Clinic; Psychic Conflict; Psychic Suffering.

1 INTRODUÇÃO

A ansiedade configura-se como um dos fenômenos mais recorrentes e complexos da contemporaneidade, atravessando diferentes esferas da experiência humana, desde o cotidiano até os contextos clínicos mais especializados. Nas últimas décadas, observa-se um aumento expressivo na incidência de quadros ansiosos, o que tem mobilizado não apenas o campo da psicologia, mas também diversas áreas do conhecimento interessadas em compreender as transformações subjetivas do sujeito contemporâneo. Tal cenário evidencia a necessidade de uma análise que ultrapasse a dimensão sintomatológica, contemplando os aspectos históricos, culturais e psíquicos implicados nesse fenômeno (BIRMAN, 2010).

No campo da psicologia, a ansiedade tem sido abordada por diferentes perspectivas teóricas, cada uma oferecendo formas específicas de compreensão e intervenção. Abordagens de cunho cognitivo-comportamental, por exemplo, tendem a focalizar a modificação de pensamentos disfuncionais e comportamentos associados, priorizando a redução dos sintomas. Em contrapartida, a psicanálise propõe uma leitura que desloca o foco do sintoma para o sujeito, compreendendo a ansiedade como expressão dos conflitos inconscientes e como elemento constitutivo da dinâmica psíquica (FREUD, 1996).

A partir dessa perspectiva, a ansiedade deixa de ser entendida exclusivamente como um problema a ser eliminado, passando a ser reconhecida como um sinal que aponta para tensões internas e conflitos não elaborados. Freud (1996), ao reformular sua teoria da angústia, atribui ao ego a função de produzir a ansiedade como um alerta diante de situações de perigo psíquico, especialmente relacionadas ao retorno do recalcado. Dessa forma, a ansiedade assume um papel estruturante, articulando-se diretamente aos mecanismos de defesa e ao funcionamento do aparelho psíquico.

Nesse contexto, a clínica psicanalítica apresenta-se como um espaço privilegiado para a escuta e elaboração da ansiedade. Ao privilegiar a fala do sujeito e a livre associação, o trabalho analítico busca compreender os sentidos inconscientes que sustentam o sofrimento, ao invés de apenas suprimir seus efeitos. Tal abordagem possibilita uma compreensão mais aprofundada da experiência subjetiva, respeitando a singularidade de cada indivíduo.

Paralelamente, é fundamental considerar que a experiência da ansiedade na contemporaneidade não pode ser dissociada das transformações sociais e culturais em curso. A intensificação das exigências de desempenho, a fragilidade dos vínculos sociais e a constante necessidade de adaptação contribuem para a produção de um estado permanente de tensão. Nesse sentido, a ansiedade contemporânea revela não apenas conflitos intrapsíquicos, mas também as marcas de um contexto social que impõe desafios constantes ao sujeito.

Diante dessas considerações, coloca-se como questão norteadora deste estudo: como a ansiedade é compreendida na clínica psicanalítica a partir dos fundamentos teóricos da psicanálise, considerando também as especificidades do contexto contemporâneo?

Como objetivo geral, pretende-se analisar a ansiedade sob a perspectiva psicanalítica, articulando seus fundamentos conceituais às implicações clínicas. Como objetivos específicos, busca-se: (1) examinar a evolução do conceito de ansiedade na obra de Freud; (2) compreender a relação entre ansiedade, aparelho psíquico e mecanismos de defesa; (3) analisar as contribuições de autores pós-freudianos; e (4) discutir a ansiedade no contexto da contemporaneidade.

A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de aprofundamento teórico na formação em psicologia, especialmente no que se refere à clínica psicanalítica. Em um cenário marcado pelo aumento do sofrimento psíquico, torna-se fundamental dispor de referenciais que permitam compreender a complexidade da experiência humana. Assim, ao articular teoria e clínica, este trabalho busca contribuir para a construção de uma prática profissional mais crítica, ética e comprometida com a singularidade do sujeito.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão narrativa de literatura, de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. Para fins de delimitação metodológica, é essencial diferenciá-la da revisão integrativa: enquanto a revisão narrativa centra-se na síntese crítica e discussão teórica de conceitos, permitindo maior amplitude na abordagem do tema, a revisão integrativa tem como propósito responder a uma pergunta de pesquisa específica, sistematizando e avaliando resultados de estudos empíricos, com critérios rigorosos de inclusão e análise quantitativa ou qualitativa de dados (GIL, 2008).

Foram utilizadas bases de dados como SciELO, PePSIC, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-Psi) e Google Acadêmico. Os descritores utilizados incluíram “ansiedade”, “psicanálise”, “inconsciente”, “conflito psíquico” e “manejo clínico”.

Período de busca

O recorte temporal da pesquisa compreendeu produções publicadas entre os anos de 1996 e 2025. Esse intervalo foi definido para contemplar, de um lado, a obra freudiana consolidada na edição de

1996 e, de outro, as discussões mais recentes sobre ansiedade e subjetividade na contemporaneidade, garantindo atualidade e profundidade teórica ao estudo.

Quantidade de obras analisadas

Ao todo, foram selecionadas e analisadas 22 obras, entre livros e artigos científicos. Essa quantidade foi definida a partir da saturação teórica, momento em que a inclusão de novos materiais não agregava conteúdos significativos à discussão proposta. A seleção priorizou obras clássicas da psicanálise, bem como produções contemporâneas de autores reconhecidos academicamente, garantindo representatividade e consistência teórica.

Critérios de inclusão e exclusão

Os critérios de inclusão envolveram obras clássicas da psicanálise, especialmente Freud (1996), bem como autores pós-freudianos e contemporâneos relevantes, como Winnicott (1983), Lacan (2005), Birman (2010) e Figueiredo (2009).

Os critérios de exclusão adotados foram:

- Materiais sem fundamentação científica consistente ou embasamento teórico adequado;

- Textos duplicados, ou seja, publicações que apresentavam conteúdo idêntico ou muito semelhante a materiais já selecionados;

- Estudos que abordavam a ansiedade exclusivamente sob perspectivas não psicanalíticas, como abordagens comportamentais, biológicas ou fenomenológicas sem articulação com o referencial proposto;

- Trabalhos que não estabeleciam relação entre os conceitos teóricos e a prática clínica psicanalítica, não atendendo ao objetivo do estudo.

Estratégia analítica

A análise dos dados foi realizada de forma interpretativa, por meio de uma estratégia estruturada em seis etapas complementares:

1. Leitura exploratória: Primeiro contato com o material, por meio da análise de títulos, resumos e palavras-chave, com o objetivo de identificar obras alinhadas ao tema e mapear autores centrais.

2. Leitura seletiva: Filtragem do material, selecionando apenas os textos que atendiam aos critérios de inclusão e apresentavam maior relevância para os objetivos da pesquisa.

3. Leitura analítica: Exame aprofundado dos conteúdos selecionados, visando identificar, compreender e sistematizar conceitos centrais, além de relações e contradições entre os autores.

4. Análise interpretativa hermenêutica: Articulação dos conteúdos analisados, buscando compreender os significados atribuídos à ansiedade em cada referencial, bem como convergências e divergências teóricas e clínicas.

5. Categorização temática: Organização dos conteúdos em eixos estruturantes, definidos como: concepção freudiana da ansiedade; dinâmica do aparelho psíquico; mecanismos de defesa; contribuições pós-freudianas; e ansiedade na contemporaneidade.

6. Síntese teórica: Integração das contribuições analisadas em uma compreensão unificada do fenômeno, superando a justaposição de ideias e construindo um posicionamento crítico fundamentado.

Essa estratégia permitiu garantir rigor metodológico, coerência na discussão e articulação efetiva entre teoria e prática clínica.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A evolução do conceito de ansiedade em Freud

A compreensão da ansiedade na obra de Freud não se apresenta de forma estática, mas sim como resultado de um processo teórico em constante reformulação. Em seus primeiros escritos, Freud

concebia a ansiedade como consequência direta de uma descarga de excitação psíquica não elaborada, vinculando-a à economia da libido. Nesse momento inicial, a ansiedade era compreendida em termos predominantemente energéticos, ou seja, como um excesso de excitação que não encontrava vias adequadas de escoamento (FREUD, 1996).

Essa primeira formulação estava fortemente associada à teoria das neuroses atuais, nas quais Freud identificava uma relação direta entre a ansiedade e fatores somáticos, como a abstinência sexual ou a interrupção da satisfação pulsional. Assim, a ansiedade era vista como um fenômeno quase automático, decorrente do acúmulo de energia libidinal no organismo.

Entretanto, ao longo do desenvolvimento de sua obra, Freud percebeu limitações nessa explicação. A partir de suas investigações clínicas, especialmente no tratamento das neuroses, ele passou a observar que a ansiedade não poderia ser reduzida apenas a um fenômeno fisiológico ou energético. Dessa forma, ocorre uma importante virada teórica, na qual a ansiedade passa a ser compreendida como um sinal produzido pelo ego diante de situações de perigo psíquico (FREUD, 1996).

Essa segunda teoria da ansiedade representa um marco fundamental na psicanálise. Nessa nova formulação, a ansiedade deixa de ser vista como resultado da repressão e passa a ser compreendida como aquilo que antecede e motiva a repressão. Ou seja, é a ansiedade que sinaliza ao ego a necessidade de acionar mecanismos de defesa frente a conteúdos que ameaçam emergir à consciência.

Freud (1996) identifica diferentes tipos de ansiedade, entre elas a ansiedade realista, a ansiedade neurótica e a ansiedade moral. A ansiedade realista está relacionada a perigos externos concretos; a ansiedade neurótica refere-se ao medo de que os impulsos do id escapem ao controle; e a ansiedade moral está associada às exigências do superego, manifestando-se como culpa ou vergonha.

Nesse contexto, a ansiedade assume uma função protetiva, funcionando como um sistema de alarme que permite ao sujeito antecipar situações de perigo. Essa função sinalizadora é essencial para a sobrevivência psíquica, pois mobiliza o ego a utilizar mecanismos de defesa que visam reduzir o sofrimento.

Outro ponto fundamental na teoria freudiana é a relação entre ansiedade e recalcamento. O recalcamento, enquanto mecanismo de defesa central, tem como objetivo manter fora da consciência conteúdos que geram desprazer. No entanto, tais conteúdos não desaparecem, permanecendo ativos no inconsciente e podendo retornar sob a forma de sintomas. A ansiedade, nesse sentido, aparece como um indicativo de que há algo recalcado que insiste em retornar.

Além disso, Freud também relaciona a ansiedade às experiências infantis, especialmente às situações de desamparo. O bebê, ao nascer, encontra-se em uma condição de total dependência do outro, vivenciando experiências de tensão que não consegue elaborar sozinho. Essas experiências iniciais deixam marcas que influenciam a forma como o sujeito lidará com a ansiedade ao longo da vida.

Portanto, a evolução do conceito de ansiedade em Freud evidencia um movimento de complexificação teórica, no qual o fenômeno deixa de ser compreendido apenas em termos biológicos e passa a ser entendido como elemento central da dinâmica psíquica. Essa mudança possibilita uma compreensão mais aprofundada da ansiedade, especialmente no contexto clínico, onde ela é vista não apenas como um sintoma, mas como um sinal significativo dos conflitos inconscientes.

3.2 O aparelho psíquico e a dinâmica do conflito

A compreensão da ansiedade na psicanálise está diretamente relacionada ao funcionamento do aparelho psíquico, tal como proposto por Freud em sua segunda tópica. Nesse modelo, o psiquismo é organizado em três instâncias fundamentais: id, ego e superego, cuja dinâmica relacional é marcada por tensões e conflitos constantes (FREUD, 1996).

O id constitui a instância mais primitiva do aparelho psíquico, sendo inteiramente inconsciente e regido pelo princípio do prazer. Nele estão localizados os impulsos pulsionais, que buscam satisfação imediata, independentemente das exigências da realidade. Por essa razão, o id é frequentemente fonte de demandas intensas que podem gerar ansiedade quando entram em conflito com outras instâncias psíquicas.

O ego, por sua vez, desenvolve-se a partir do id e tem como função principal mediar as exigências internas e externas. Regido pelo princípio da realidade, o ego busca formas adequadas de satisfazer os impulsos do id sem violar as normas impostas pelo superego ou pelas condições do mundo externo. Nesse processo de mediação, o ego frequentemente se vê em situação de tensão, o que contribui diretamente para a emergência da ansiedade.

Já o superego representa a internalização das normas, valores e proibições sociais, sendo constituído a partir das figuras parentais e das experiências culturais do sujeito. O superego exerce uma função crítica e punitiva, podendo gerar sentimentos de culpa e vergonha quando o sujeito não atende às suas exigências. Essa pressão interna também é fonte significativa de ansiedade, especialmente na forma de ansiedade moral (FREUD, 1996).

A dinâmica entre id, ego e superego não é harmônica, mas sim marcada por conflitos constantes. O ego, situado entre as demandas pulsionais do id, as exigências normativas do superego e as condições da realidade externa, encontra-se em uma posição de constante negociação. Essa posição intermediária torna o ego particularmente vulnerável à ansiedade, uma vez que precisa lidar com pressões provenientes de diferentes direções.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), o conflito psíquico é um elemento estruturante da vida mental, sendo inevitável no funcionamento do aparelho psíquico. A ansiedade, nesse contexto, surge como uma resposta a esses conflitos, funcionando como um sinal de que há tensões que precisam ser elaboradas.

Além disso, é importante destacar que o conflito psíquico não se limita a uma oposição simples entre instâncias, mas envolve múltiplas camadas de significação. Muitas vezes, os conteúdos em conflito estão relacionados a experiências infantis, desejos reprimidos e identificações inconscientes, o que torna a ansiedade um fenômeno complexo e multifacetado.

Nesse sentido, a ansiedade pode ser compreendida como um indicador da presença de conflitos não elaborados, que exigem trabalho psíquico para serem integrados à consciência. A clínica psicanalítica, ao oferecer um espaço de escuta, possibilita que esses conflitos sejam simbolizados, reduzindo a intensidade da ansiedade.

Outro aspecto relevante diz respeito à relação entre o ego e os mecanismos de defesa. Diante da ansiedade gerada pelos conflitos psíquicos, o ego mobiliza diferentes estratégias defensivas com o objetivo de preservar sua integridade. Essas estratégias, embora necessárias, podem também limitar o acesso do sujeito a determinados conteúdos psíquicos, contribuindo para a manutenção de sintomas.

Portanto, compreender o funcionamento do aparelho psíquico é fundamental para a análise da ansiedade na perspectiva psicanalítica. A interação entre id, ego e superego, bem como os conflitos decorrentes dessa dinâmica, constituem o pano de fundo sobre o qual a ansiedade se manifesta, assumindo diferentes formas e intensidades ao longo da vida do sujeito.

3.3 Mecanismos de defesa e regulação da ansiedade

Os mecanismos de defesa constituem um dos pilares centrais da teoria psicanalítica, sendo fundamentais para a compreensão da forma como o ego lida com a ansiedade. Segundo Freud (1996), os mecanismos de defesa são estratégias inconscientes utilizadas pelo ego para proteger o sujeito de conteúdos psíquicos que provocam desprazer ou ameaça.

Diante de situações de conflito entre as instâncias psíquicas, o ego mobiliza esses mecanismos com o objetivo de reduzir a ansiedade e preservar sua integridade. No entanto, embora desempenhem uma função protetiva, os mecanismos de defesa também podem contribuir para a manutenção de sintomas, na medida em que dificultam o acesso à consciência de determinados conteúdos.

A repressão é considerada o mecanismo de defesa central na teoria freudiana. Trata-se do processo pelo qual conteúdos indesejáveis são mantidos fora da consciência. Esses conteúdos, embora reprimidos, permanecem ativos no inconsciente e podem retornar de forma disfarçada, por meio de sintomas, sonhos ou atos falhos (FREUD, 1996).

A negação consiste na recusa em reconhecer aspectos da realidade que são percebidos como ameaçadores. Nesse mecanismo, o sujeito entra em contato com o conteúdo, mas recusa-se a aceitá-lo, como forma de evitar a ansiedade. A negação é frequentemente observada em situações de perda, doença ou conflito emocional intenso.

A projeção, por sua vez, envolve a atribuição de conteúdos internos a outras pessoas. Nesse caso, o sujeito desloca para o exterior aquilo que não consegue reconhecer em si mesmo. Esse mecanismo permite aliviar a ansiedade, mas pode comprometer as relações interpessoais, uma vez que distorce a percepção da realidade.

Outro mecanismo relevante é a formação reativa, que consiste na adoção de comportamentos opostos a desejos ou impulsos considerados inaceitáveis. Por exemplo, um indivíduo que apresenta sentimentos hostis pode manifestar atitudes excessivamente amigáveis. Nesse caso, o comportamento serve como forma de encobrir o conteúdo inconsciente gerador de ansiedade.

A racionalização também se destaca como mecanismo de defesa, caracterizando-se pela construção de explicações aparentemente lógicas para justificar comportamentos ou sentimentos. Esse mecanismo permite ao sujeito evitar o contato com motivações inconscientes, reduzindo a ansiedade associada a elas.

A sublimação, diferentemente dos demais mecanismos, é considerada uma forma mais elaborada de defesa, na medida em que possibilita a transformação de impulsos em atividades socialmente valorizadas. Nesse caso, a energia pulsional é direcionada para atividades como arte, trabalho ou produção intelectual, contribuindo para o desenvolvimento do sujeito.

É importante destacar que os mecanismos de defesa não são, em si, patológicos. Eles fazem parte do funcionamento normal do psiquismo e são essenciais para a adaptação do sujeito à realidade. No entanto, quando utilizados de forma rígida ou excessiva, podem limitar o desenvolvimento psíquico e contribuir para o surgimento de sintomas.

Nesse sentido, a ansiedade pode ser compreendida como um indicativo de que o ego está mobilizando mecanismos de defesa para lidar com conflitos internos. A intensidade e a forma como a ansiedade se manifestam estão diretamente relacionadas ao tipo de defesa utilizada e à capacidade do sujeito de elaborar seus conflitos.

Na clínica psicanalítica, a identificação e interpretação dos mecanismos de defesa constituem elementos fundamentais do processo terapêutico. Ao tornar conscientes esses processos, o sujeito pode desenvolver formas mais flexíveis e adaptativas de lidar com a ansiedade.

Portanto, os mecanismos de defesa desempenham papel central na regulação da ansiedade, sendo essenciais para a compreensão do funcionamento psíquico e para o manejo clínico na perspectiva psicanalítica.

3.4 Contribuições pós-freudianas

O desenvolvimento da psicanálise após Freud possibilitou a ampliação da compreensão da ansiedade, incorporando novas dimensões teóricas e clínicas. Entre os autores que mais contribuíram para esse avanço destacam-se Donald Winnicott e Jacques Lacan, cujas formulações trouxeram importantes aprofundamentos sobre a constituição psíquica e o sofrimento humano.

Winnicott (1983) propõe uma mudança significativa no foco da psicanálise ao enfatizar a importância do ambiente no desenvolvimento emocional do indivíduo. Para o autor, a constituição do sujeito está diretamente relacionada à qualidade dos cuidados recebidos nos primeiros momentos de vida. Nesse contexto, o conceito de "ambiente suficientemente bom" torna-se central.

Segundo Winnicott (1983), quando o ambiente falha de maneira significativa, o sujeito pode desenvolver estados de ansiedade primitiva, caracterizados por experiências de desintegração, vazio e desamparo. Diferentemente da ansiedade descrita por Freud, que está associada ao conflito psíquico, a ansiedade primitiva refere-se a falhas na constituição do self.

Outro conceito importante na teoria winnicottiana é o de holding, que diz respeito à capacidade do ambiente (especialmente da figura materna) de sustentar emocionalmente o bebê. A ausência desse suporte pode gerar insegurança e intensificar experiências ansiosas.

Dessa forma, Winnicott amplia a compreensão da ansiedade ao considerar não apenas os conflitos internos, mas também as falhas nas relações iniciais como fatores determinantes do sofrimento psíquico.

Por sua vez, Lacan (2005) propõe uma releitura da psicanálise freudiana a partir da linguagem e da estrutura simbólica. Para Lacan, a ansiedade (ou angústia) está diretamente relacionada à dimensão do desejo e à relação do sujeito com o Outro.

Segundo Lacan (2005), a angústia não é sem objeto, mas está associada à presença de algo que escapa à simbolização. Nesse sentido, a angústia surge quando o sujeito se confronta com o desejo do Outro, colocando em questão sua própria posição subjetiva.

Diferentemente de uma visão que entende a ansiedade apenas como resposta a um perigo, Lacan propõe que a angústia revela algo fundamental sobre a estrutura do sujeito. Ela indica um ponto de ruptura na ordem simbólica, evidenciando a impossibilidade de total controle sobre o desejo.

A contribuição lacaniana permite compreender a ansiedade como fenômeno que ultrapassa a dimensão individual, estando inserido em uma rede de significações que envolve linguagem, cultura e relações sociais.

Assim, as contribuições pós-freudianas evidenciam que a ansiedade não pode ser compreendida de forma unidimensional. Ao contrário, trata-se de um fenômeno complexo que envolve tanto aspectos intrapsíquicos quanto relacionais e simbólicos.

3.5 Ansiedade na contemporaneidade

A compreensão da ansiedade na atualidade exige a consideração dos fatores sociais, culturais e históricos que atravessam a constituição subjetiva. Diferentemente de períodos anteriores, a contemporaneidade apresenta características específicas que impactam diretamente a forma como os indivíduos experienciam o sofrimento psíquico.

Segundo Birman (2010), o mal-estar contemporâneo está relacionado à fragilidade dos vínculos sociais e à intensificação das exigências de desempenho. Nesse contexto, o sujeito é constantemente convocado a produzir, performar e se adaptar, o que gera um estado permanente de tensão e ansiedade.

Bauman (2001), ao discutir a modernidade líquida, destaca a instabilidade das relações e a ausência de referências sólidas como elementos centrais da vida contemporânea. Para o autor, a fluidez das relações sociais contribui para o aumento da insegurança, o que pode se manifestar na forma de ansiedade.

Nesse mesmo sentido, Han (2017) propõe o conceito de sociedade do cansaço, na qual o sujeito deixa de ser oprimido por forças externas e passa a se auto explorar. A exigência constante de produtividade e desempenho leva a um esgotamento psíquico, frequentemente associado a quadros de ansiedade e depressão.

A partir dessas contribuições, é possível compreender que a ansiedade contemporânea não pode ser reduzida a um fenômeno exclusivamente intrapsíquico. Ao contrário, ela está profundamente articulada às condições sociais e culturais nas quais o sujeito está inserido.

No entanto, é importante ressaltar que, mesmo diante dessas transformações, a psicanálise mantém sua relevância ao oferecer uma escuta que considera a singularidade do sujeito. A clínica psicanalítica possibilita a elaboração do sofrimento, mesmo em um contexto marcado por mudanças rápidas e constantes.

Dessa forma, a análise da ansiedade na contemporaneidade evidencia a necessidade de articulação entre teoria psicanalítica e contexto social, ampliando a compreensão do fenômeno e suas implicações clínicas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise dos referenciais teóricos apresentados evidência que a ansiedade, na perspectiva psicanalítica, não pode ser reduzida a um sintoma isolado ou a uma resposta direta a estímulos externos. Ao contrário, trata-se de um fenômeno complexo, que envolve a articulação entre dimensões intrapsíquicas, relacionais e socioculturais. Essa compreensão amplia significativamente as possibilidades de análise e intervenção clínica.

4.1 Material e Métodos

O desenvolvimento deste estudo baseia-se na análise qualitativa e interpretativa dos referenciais teóricos apresentados ao longo do trabalho. Foram selecionadas obras clássicas da psicanálise, com destaque para Freud (1996), bem como contribuições pós-freudianas relevantes, como Winnicott (1983), Lacan (2005), Birman (2010) e Figueiredo (2009).

A escolha desses autores fundamenta-se em sua relevância histórica e teórica para a compreensão da ansiedade no campo psicanalítico

4.2 Resultados e Discussão

A análise dos autores selecionados permite identificar diferentes concepções de ansiedade, bem como suas implicações clínicas. A seguir, apresenta-se uma sistematização dessas contribuições:

Quadro 1 – Principais autores, obras e concepções de ansiedade

Autor	**Obra**	**Concepção de Ansiedade**	**Consequências Clínicas**
Freud (1996)	Inibição, sintoma e angústia	Ansiedade como sinal de perigo psíquico produzido pelo ego	Interpretação dos conflitos inconscientes
Winnicott (1983)	O ambiente e os processos de maturação	Ansiedade ligada a falhas ambientais e desamparo primitivo	Ênfase no setting e no manejo do ambiente
Lacan (2005)	O seminário, livro 10: A angústia	Ansiedade relacionada ao desejo e ao Outro	Interpretação da posição subjetiva
Birman (2010)	Mal-estar na atualidade	Ansiedade vinculada às transformações sociais contemporâneas	Compreensão do sofrimento no contexto social
Figueiredo (2009)	Psicanálise: elementos fundamentais	Ansiedade como fenômeno clínico complexo	Sustentação teórica da prática clínica

A partir dessa sistematização, observa-se que a ansiedade, embora possua diferentes formulações teóricas, mantém-se como elemento central na compreensão do sofrimento psíquico. Em Freud (1996), a ansiedade assume função estruturante ao atuar como sinal de perigo, mobilizando mecanismos de defesa. Essa concepção permite compreender a ansiedade não como um sintoma a ser eliminado, mas como um indicativo de conflitos inconscientes.

Winnicott (1983), ao enfatizar a importância do ambiente, amplia essa compreensão ao considerar que a ansiedade pode estar relacionada a falhas no cuidado inicial, especialmente em situações de desamparo. Nesse contexto, a clínica passa a valorizar não apenas a interpretação, mas também o manejo do setting terapêutico.

Lacan (2005), por sua vez, introduz uma leitura estrutural da ansiedade, vinculando-a à relação do sujeito com o desejo do Outro. Essa perspectiva desloca a compreensão da ansiedade para o campo da linguagem e da subjetividade, evidenciando sua complexidade simbólica.

Além disso, autores contemporâneos como Birman (2010) destacam a influência das transformações sociais na produção da ansiedade. A instabilidade dos vínculos, a exigência de desempenho e a fragilidade das referências simbólicas contribuem para o aumento do sofrimento psíquico na atualidade.

Nesse sentido, a análise evidencia que a ansiedade deve ser compreendida como um fenômeno multifatorial, resultante da articulação entre aspectos intrapsíquicos, relacionais e socioculturais. Essa compreensão tem implicações diretas para a prática clínica, que passa a exigir uma escuta ampliada e sensível à singularidade do sujeito.

Do ponto de vista clínico, o manejo da ansiedade na psicanálise não se orienta pela sua supressão imediata, mas pela possibilidade de sua elaboração. A escuta analítica permite ao sujeito atribuir sentido à sua experiência, favorecendo a construção de novas formas de relação com o sofrimento.

Por fim, destaca-se que a integração das diferentes perspectivas teóricas não implica contradição, mas sim um enriquecimento da compreensão da ansiedade. Ao articular as contribuições de Freud, Winnicott, Lacan e autores contemporâneos, torna-se possível construir uma análise mais consistente e abrangente, fundamental para a prática clínica.

4.3 Técnicas

As técnicas empregadas neste estudo estão diretamente vinculadas à abordagem qualitativa e ao método de revisão bibliográfica, sendo fundamentais para garantir rigor teórico e consistência analítica. A seguir, apresentam-se as principais técnicas utilizadas, bem como suas aplicações no desenvolvimento da pesquisa.

4.3.1 Leitura exploratória

A leitura exploratória constitui a etapa inicial do processo investigativo, tendo como objetivo proporcionar um primeiro contato com o material bibliográfico disponível. Nessa fase, foram examinados títulos, resumos, palavras-chave e estruturas gerais das obras, com a finalidade de identificar aquelas que apresentavam relação direta com o tema da ansiedade na psicanálise.

Essa técnica permitiu mapear o campo teórico, reconhecendo autores centrais e obras de referência, como Freud (1996), Winnicott (1983) e Lacan (2005). Além disso, possibilitou delimitar o foco da pesquisa, evitando dispersões temáticas e contribuindo para a construção de um recorte teórico consistente.

4.3.2 Leitura seletiva

A leitura seletiva corresponde à etapa de filtragem do material previamente identificado na fase exploratória. Nesse momento, foram selecionadas as obras que apresentavam maior pertinência em relação aos objetivos do estudo, considerando critérios como relevância teórica, consistência conceitual e contribuição para a compreensão da ansiedade na clínica psicanalítica.

Essa técnica foi fundamental para a definição do corpus teórico da pesquisa, permitindo a exclusão de materiais redundantes ou pouco alinhados ao enfoque psicanalítico. Dessa forma, garantiu-se que a análise se concentrasse em autores que efetivamente contribuíssem para o aprofundamento da temática proposta.

4.3.3 Leitura analítica

A leitura analítica caracteriza-se pelo exame aprofundado dos textos selecionados, com foco na identificação, compreensão e sistematização dos conceitos centrais. Nessa etapa, foram analisadas categorias fundamentais como ansiedade, conflito psíquico, mecanismos de defesa, aparelho psíquico e manejo clínico.

Essa técnica permitiu não apenas a compreensão isolada dos conceitos, mas também a identificação das relações entre eles, evidenciando a estrutura teórica que sustenta a psicanálise. Além disso, possibilitou reconhecer diferenças e aproximações entre os autores estudados, contribuindo para uma análise mais crítica e fundamentada.

4.3.4 Análise interpretativa

Constitui uma etapa central da pesquisa qualitativa, sendo responsável pela articulação entre os diferentes referenciais teóricos. Nessa fase, os conteúdos analisados foram confrontados e interpretados à luz dos objetivos do estudo, buscando identificar convergências, divergências e implicações clínicas.

Diferentemente de uma análise meramente descritiva, essa técnica permitiu problematizar os conceitos, inserindo-os em um contexto mais amplo, que inclui tanto a teoria psicanalítica quanto as transformações da contemporaneidade. Assim, foi possível compreender a ansiedade como um fenômeno multifacetado, que ultrapassa explicações unidimensionais.

4.3.5 Categorização temática

A categorização temática consistiu na organização dos conteúdos analisados em eixos estruturantes, com o objetivo de sistematizar as informações e facilitar a construção do argumento teórico. Foram estabelecidas as seguintes categorias: (1) concepção freudiana da ansiedade; (2) dinâmica do aparelho psíquico; (3) mecanismos de defesa; (4) contribuições pós-freudianas; e (5) ansiedade na contemporaneidade.

Essa técnica permitiu estruturar o referencial teórico de forma lógica e coerente, favorecendo a progressão argumentativa ao longo do texto. Além disso, contribuiu para a integração dos diferentes autores, evitando fragmentação teórica e garantindo unidade ao estudo.

4.3.6 Síntese teórica

Por fim, utilizou-se a técnica de síntese teórica, que consiste na integração dos principais conceitos e contribuições dos autores analisados em uma compreensão unificada do fenômeno estudado. Essa etapa permitiu articular os diferentes referenciais em um modelo interpretativo mais abrangente sobre a ansiedade na clínica psicanalítica.

A síntese teórica possibilitou superar a simples justaposição de ideias, promovendo a construção de um posicionamento crítico e fundamentado. Dessa forma, o estudo não se limita à reprodução de teorias existentes, mas contribui para a ampliação da compreensão do fenômeno, especialmente no contexto contemporâneo.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo compreender a ansiedade na clínica psicanalítica a partir de uma revisão teórica dos principais fundamentos conceituais da psicanálise e de suas contribuições para a prática clínica. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, foi possível evidenciar que a ansiedade ocupa lugar central na teoria psicanalítica, não sendo reduzida a um sintoma patológico

a ser simplesmente eliminado, mas compreendida como elemento estruturante do funcionamento psíquico e como uma via privilegiada de acesso à história e à subjetividade do sujeito.

A análise das formulações freudianas permitiu identificar a evolução do conceito de ansiedade, que passou de uma perspectiva inicialmente vinculada à economia da libido e ao acúmulo de excitação não escoada, para uma compreensão muito mais complexa e estrutural, na qual a ansiedade é entendida como um sinal de perigo produzido pelo ego. Essa reformulação teórica representa um marco fundamental, pois inverte a lógica anterior: a ansiedade não é apenas resultado do recalque, mas aquilo que o motiva, funcionando como um alerta que mobiliza o aparelho psíquico a agir para evitar o desprazer. Essa função sinalizadora evidencia a importância da ansiedade na dinâmica psíquica, especialmente no que diz respeito à mobilização dos mecanismos de defesa e à manutenção da integridade do sujeito.

A partir da análise da segunda tópica freudiana, que organiza o psiquismo em id, ego e superego, observou-se que a ansiedade está diretamente relacionada aos conflitos inevitáveis entre essas instâncias. O ego, ao assumir a posição de mediador entre as demandas pulsionais do id, as exigências morais e punitivas do superego e as limitações impostas pela realidade externa, encontra-se em constante estado de tensão. É justamente nesse espaço de negociação e conflito que a ansiedade emerge, revelando que o equilíbrio psíquico está ameaçado. Nesse sentido, a ansiedade pode ser compreendida como um indicador preciso da presença de conflitos psíquicos que ainda não foram elaborados, que permanecem operando no inconsciente e que demandam trabalho psíquico para serem integrados à consciência.

Os mecanismos de defesa, por sua vez, mostraram-se fundamentais para a regulação da ansiedade, atuando como estratégias inconscientes de proteção do ego contra conteúdos que provocam sofrimento. Embora sejam essenciais para a adaptação e a sobrevivência psíquica, foi possível observar que o uso excessivo, rígido ou desadaptativo desses mecanismos pode limitar o desenvolvimento do sujeito, restringir sua capacidade de simbolização e contribuir para a manutenção de sintomas. Dessa forma, na clínica psicanalítica, a análise desses mecanismos torna-se tão importante quanto a própria ansiedade, pois permite compreender como o sujeito tenta, ainda que de forma muitas vezes ineficaz, lidar com o que lhe é ameaçador.

As contribuições pós-freudianas, especialmente de Winnicott e Lacan, ampliaram significativamente o escopo da compreensão da ansiedade ao introduzirem novas dimensões teóricas que transcendem o modelo intrapsíquico clássico. Winnicott, ao destacar a importância do ambiente e das relações iniciais de cuidado, mostrou que a ansiedade também pode surgir de falhas na constituição do self, relacionando-se a experiências primitivas de desamparo e desintegração que antecedem mesmo a formação de conflitos mais organizados. Já Lacan, ao articular a ansiedade à ordem simbólica, à linguagem e à relação do sujeito com o desejo do Outro, evidenciou que esse afeto está ligado ao que não pode ser dito ou simbolizado, apontando para os limites da representação e para a própria estrutura do desejo humano. Essas perspectivas são complementares e demonstram que a ansiedade não pode ser compreendida apenas como fenômeno interno, mas também como resultado das relações intersubjetivas e da inserção do sujeito em uma rede de significações culturais e sociais.

Ao considerar a ansiedade na contemporaneidade, verificou-se que o sofrimento psíquico atual assume contornos específicos, profundamente articulados às transformações sociais, econômicas e culturais que marcam o mundo atual. Conceitos como a "modernidade líquida" de Bauman, a "sociedade do cansaço" de Han e o "mal-estar na atualidade" de Birman ajudam a compreender como a fragilidade dos vínculos, a instabilidade das referências, a exigência incessante de produtividade e desempenho, e a pressão por uma felicidade e um sucesso inatingíveis, contribuem para a disseminação de um estado de ansiedade difusa, crônica e muitas vezes sem objeto definido. Nesse contexto, a ansiedade contemporânea não é apenas expressão de conflitos individuais, mas também o sintoma de uma época que impõe ao sujeito o fardo de se construir e se realizar sem bases sólidas, gerando um sentimento constante de insuficiência e de ameaça iminente.

Diante desse cenário, a clínica psicanalítica apresenta-se como uma abordagem não apenas válida, mas fundamental, ao oferecer um caminho diverso daquele proposto por modelos que visam apenas a supressão rápida do sintoma. A psicanálise valoriza, acima de tudo, a escuta atenta, a associação livre e a interpretação dos sentidos inconscientes, entendendo que a ansiedade carrega uma verdade sobre o sujeito que precisa ser acolhida e compreendida, e não simplesmente removida. Ao invés de silenciar o sofrimento, o trabalho analítico propicia a elaboração dos conflitos, permitindo ao sujeito transformar a ansiedade de um estado passivo de sofrimento em um motor de conhecimento de si mesmo e de ampliação de sua liberdade.

Reforça-se, com ainda mais ênfase, a importância vital da escuta psicanalítica em uma sociedade contemporânea que, frequentemente, patologiza o sofrimento e busca soluções imediatas e farmacológicas para questões que são, antes de tudo, humanas e existenciais. A prática clínica orientada pela psicanálise se diferencia por não se deixar levar pela lógica da performance e da rapidez, mantendo-se como um espaço raro de acolhimento, de tempo e de respeito à singularidade de cada história. Ao reconhecer que a ansiedade revela modos específicos de sofrer, de desejar e de se relacionar com o mundo, essa abordagem devolve ao sujeito a responsabilidade e a possibilidade de dar sentido à sua própria experiência.

Como limitações do presente estudo, destaca-se o fato de tratar-se de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica, o que impede a análise de dados empíricos ou a verificação dessas concepções em casos clínicos concretos. Dessa forma, sugere-se que pesquisas futuras possam investigar a ansiedade na clínica psicanalítica a partir de estudos de caso, de supervisões clínicas ou de abordagens qualitativas aplicadas, ampliando a compreensão do fenômeno e testando a potência desses referenciais na prática real.

Além disso, recomenda-se o aprofundamento contínuo das relações entre ansiedade e contemporaneidade, considerando as rápidas transformações sociais, tecnológicas e culturais que alteram constantemente os modos de subjetivação e, consequentemente, as formas de adoecimento psíquico. A inclusão de diferentes perspectivas teóricas e o diálogo com outras áreas do conhecimento também podem contribuir para uma compreensão mais abrangente e integrada do fenômeno.

Por fim, este estudo deixa como legado e contribuição social e profissional a defesa e a fundamentação de um exercício clínico mais sensível, ético e comprometido com a complexidade do ser humano. Ao demonstrar que a ansiedade é muito mais do que um transtorno a ser tratado, mas sim uma expressão fundamental da vida psíquica, espera-se fornecer aos profissionais de psicologia e áreas afins um referencial teórico sólido que lhes permita não apenas aliviar o sofrimento, mas principalmente promover a autonomia, a capacidade de simbolização e a construção de sentidos mais amplos e sustentáveis para a existência. É, portanto, por meio dessa escuta profunda e atenta que a psicanálise continua a se mostrar indispensável para pensar e cuidar do sujeito em sua totalidade, especialmente nos tempos desafiadores que se apresentam.

5 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Psicanálise: elementos fundamentais*. São Paulo: Escuta, 2009.

FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia*. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 20.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

KAËS, René. *Os dispositivos psicanalíticos e as formações do inconsciente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia (1962–1963)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

ZIMERMAN, David E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed, 1999.